



UMA LITERATURA TRANSMODERNA: A ÉTICA DA ESTÉTICA EM LIMA BARRETO, ANÁLISE DE “O MORCEGO” (VIDA URBANA) À LUZ DA SOCIOLOGIA COMPREENSIVA

Marília Köenig *

Resumo: O objetivo deste trabalho é apontar como a ética da estética de Lima Barreto (LB), pré-modernista, pode classificá-lo como escritor transcendente à modernidade ou transmoderno. Para investigar a hipótese, analisou-se a crônica “O morcego”, presente na coletânea *Vida urbana* (1956). Já como critérios de análise, utilizaram-se os quatro pressupostos da Sociologia Compreensiva (MAFFESOLI, 2010), (quais sejam: a crítica ao dualismo esquemático, oposição à “forma”, exposição de uma sensibilidade relativista e um pensamento libertário). Por meio da análise, confirmou-se a hipótese fundamental do trabalho. Lima Barreto pode ser considerado um escritor transmoderno, visto que suas crônicas são marcadas por diversos dos traços transcendentais à Literatura moderna e este se revela, pelas lentes da Sociologia Compreensiva, um ávido pesquisador de imaginários (SILVA, 2006).

Palavras-chave: Lima Barreto. Transmoderno. Literatura.

Abstract: The purpose of this work is to point how the aesthetics’ ethics of Lima Barreto (LB), premodernist, can classify him as a writer who transcends the modernity or as a ‘transmodern’. To investigate the hypothesis, one chronicle from the collectanea *Vida urbana* (1956), *O morcego*, was analyzed. The criteria for the analysis were the four assumptions of Comprehensive Sociology (MAFFESOLI, 2010). This was therefore the method used, for which what interest are the social phenomena as these present themselves, and not as they should be (MORAES, 2012). Through the analysis, it was confirmed the fundamental hypothesis of the work. LB can be considered a transmodern writer, which transcend the modern Literature and this one reveals itself, by the lenses of Comprehensive Sociology, an avid researcher of imaginaries (SILVA, 2006).

Keywords: Lima Barreto. Transmodern. Literature.

** Faculdade da Associação Beneficente da Indústria Carbonífera de Santa Catarina – SATC.
Professora no curso de Jornalismo da SATC.
Doutora em Ciências da Linguagem da UNISUL.
E-mail: maiaam_78@hotmail.com



REVISTA
MEMORARE

UNISUL
www.portaldeperiodicos.unisul.br
ISSN 2358-0593

1. Introdução

Este artigo destaca o pioneirismo do escritor carioca Afonso Henrique de Lima Barreto (1890-1922), o qual, hipoteticamente, abordou questões que transcendem os valores e características culturais atribuídas à modernidade. Época à o escritor, de acordo com a historiografia literária brasileira (BOSI, 1994), é contemporâneo e, aqui, talvez, extemporâneo.

Para a hipótese, aspectos como a fragmentação da identidade - e da conseqüente eclosão das identificações do sujeito, este que, em sociedade, é cada vez mais plural (HALL, 2006), foram essenciais. Além disso, outros pontos, como o relato da vida cotidiana, ou vida sem qualidade, no entender de Maffesoli (1995), e o delineamento do imaginário social da Nova República estariam marcados na obra de Lima Barreto.

E são justamente esses fatores, na visão hipotética da pesquisadora, que o poderiam caracterizar como um autor *transmoderno*, não obstante (mas em grande parte) ter vivido o cerne da modernidade e ser categorizado, pela historiografia literária, como escritor pré-modernista.

O objetivo é perceber como a ética da estética própria à obra de Lima Barreto, escritor pré-modernista, transcende a modernidade, conectando-se a questões que, atemporalmente, o ligaria ao pensamento de Maffesoli pelo conceito de ética da estética (2005; 2010). O presente trabalho se justifica, sobretudo, por abordar um aspecto que reafirma o pioneirismo de Lima Barreto como cientista social (MACHADO, 2002), muito antes da eclosão das Ciências Sociais e da Teoria Crítica, questão já apontada pela autora em sua dissertação de mestrado. Em suas obras, há o questionamento à identidade do sujeito da nova República, visto, pela chamada *Literatura de deleite* ou do *sorriso da sociedade*, como um ser concluído, totalmente contrário à visão do sujeito inacabado, sofrido e desagregado do cenário “progressista” da *Belle époque*.

Justifica-se, ainda, por uma relação de dialogismo (BAKHTIN, 1992) existente entre a ética da estética de Lima Barreto (marcada pelo compromisso em denunciar as mazelas sociais, até mesmo pelo uso de uma linguagem coloquial e cotidiana, distante dos padrões parnasianos) e o pensamento dos autores que servirão de base à tese. Pretende-se, por fim, perceber Lima como um pesquisador de imaginários, um *flanêur* do cotidiano (SILVA, 2006), adiantando-se em questões que estão em curso no que tange às Ciências Sociais.

Para Maffesoli (*ibid.*), só existe saber se este estiver arraigado à experiência comum. É o que ele destaca sobre a relação indissociável entre o ético e o estético. “[...] O ético, fundamento do vínculo social, depende estruturalmente do estético, cimento social. É essa capacidade de experimentar emoções, compartilhá-las, transformá-las em cimento de toda sociedade” (MAFFESOLI, 2007, p. 12).



Para tanto, são abordadas, primeiramente, questões relativas à modernidade: características, valores e crítica, passando, por conseguinte, à pós-modernidade¹ (ou modernidade tardia, para alguns autores).

Ainda recebem espaço o conceito de ética da estética (MAFFESOLI, 2005) e o estilo impresso à ética do literato carioca, o que, na visão hipotética da autora, o caracterizam como possível escritor transcendente à modernidade e narrador do vivido.

Visando a corroborar a hipótese de ter sido Lima Barreto um precursor de questões transcendentais à modernidade (sobretudo no que tange aos problemas sociais observados no processo de urbanização das cidades), analisar-se-á a coletânea de crônicas denominada *Vida urbana*. Nela, o autor denota sua insatisfação com as marcas (arquitetônicas, políticas, mas, sobretudo, socioculturais) trazidas pela eclosão da modernidade no Rio de Janeiro de seus dias.

Para tanto, a pesquisadora faz uso das lentes da Sociologia Compreensiva, em especial de seus quatro pressupostos, os quais servirão como critérios de análise balizadores. É este o método de análise aqui trabalhado, para vislumbrar e partilhar com o leitor a essência da contribuição do literato carioca em torno da denúncia às desigualdades sociais via Literatura.

2. A ética da estética em Lima Barreto: transmodernidade?

A ética, no entendimento maffesoliano, funciona como um “juízo de existência”, o que em muito ultrapassa um “juízo de valor” (2005, p. 11). Tal sensibilidade teórica dedica-se à diminuição da dicotomia imposta na modernidade entre a razão e o imaginário (ou entre a razão e o sensível). Maffesoli destaca ainda a estetização da existência, “dar à estética um sentido pleno (p. 12); a necessidade de tornar emocional o laço social”.

O estilo de Lima Barreto (LB), heterogêneo e dissonante com relação ao padrão literário da *Belle époque*, esboça essa reação que se experimenta na condição pós-moderna. A Literatura militante à qual LB dedicou-se parece-nos estar a serviço de um *estar-junto* a que a socialidade proposta por Maffesoli (2010) incita, em contraposição ao individualismo radical da modernidade.

É a esse cenário que a ética da estética de Lima Barreto, ao descrever o Rio de Janeiro de seus dias. Parece transcender, assim, a modernidade vigente. A Literatura militante à qual LB dedicou-se está a serviço de um *estar-junto* a que a socialidade proposta por Maffesoli (2010) incita em contraposição ao individualismo radical trazido pela modernidade?

¹ Docente. Jornalista, mestre e doutora pelo Programa de pós-graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Cabe aqui destacar o neologismo transmoderno ora aqui trabalhado e base da hipótese fundamental desta tese. Muito embora haja, hipoteticamente, a similitude entre o que LB denuncia e essa criticidade oriunda das materialidades pós-modernas, não se pode circunscrevê-lo ao volátil campo da pós-modernidade.

Essa foi a razão pela qual a pesquisadora ter sugerido ser Lima Barreto um escritor *transmoderno*, terminologia oportunamente sugerida na avaliação. Isso porque, embora temporalmente seja classificado como pré-modernista (BOSI, 1994), seu viés crítico o aproxima da crítica realizada na modernidade tardia, na perspectiva hipotética ora trabalhada, das questões que Maffesoli (2001, 2005, 2007, 2010) vai destacar ao abordar a Sociologia Compreensiva, lentes teóricas usadas para a presente análise.

De acordo com Japiassú e Marcondes (2001), o termo transcender vem do latim *transcendere*, que significa ultrapassar, superar. Dentro dessa acepção, ligada à superação e ultrapassagem da experiência vivida, é que a transcendência de LB se firma, no entendimento da pesquisadora. Essencial salientar que, no escopo desta tese, não se emprega, contudo, aqui, o sentido do transcendental, voltado à espiritualidade. Concepção esta que aqui, não se aplica, embora se considere as diversas dimensões da vida humana e a intersecção entre elas.

O segundo sentido ao termo é: aquilo que está além do conhecimento, além da possibilidade da experiência, que é exterior ao mundo da experiência. (1) Talvez aqui a prosa de Lima Barreto se encaixe de modo mais exato, já que, segundo a hipótese fundamental que norteia este trabalho, aquilo que Lima Barreto enuncia, em sua obra, é extemporâneo às questões da modernidade e, sobretudo, ao padrão literário vigente à época.

Já de acordo com Durozoi e Roussel (1993), o transcendente corresponde ao caráter de tudo o que ultrapassa uma média, em um sentido estritamente filosófico, a transcendência implica uma natureza absolutamente superior às outras, ou de uma ordem radicalmente diferente (e aqui LB se encontra). Eles pontuam, ainda, que, “na fenomenologia e, depois, no existencialismo, o transcendente caracteriza o que visa a consciência, ou seja, aquilo em direção ao que ela tende ao mesmo tempo que daí permanece distante.”

Seria, portanto, uma visão de mundo que, ao mesmo tempo em que está presente a uma época e ela descreva, mas que, por intermédio da crítica, de uma visão de mundo que incite à mudança, a transcende.

2.1 Transdisciplinaridade e Transmodernidade

A escrita de LB é também **transdisciplinar**. O conceito de transdisciplinaridade foi cunhado à década de 1970 por Jean Piaget. Conforme Theóphilo (2010, p. 2-3), esta “propõe

uma alternância em três níveis da razão sensível, razão experiencial e razão prática”. Posteriormente, por meio da “Carta de Transdisciplinaridade”, Lima de Freitas, Nicolescu e Morin ampliaram a questão transdisciplinar, sugerindo um diálogo permanente entre os diversos saberes.

A Transdisciplinaridade (sic) não procura construir sincretismo algum entre a ciência e a tradição, cujas práticas entendem serem radicalmente diferentes da metodologia da ciência moderna, mas sim, que a Transdisciplinaridade procura pontos de vista a partir dos quais seja possível torná-las “interativas”, procura espaços de pensamento que as façam sair de sua unidade, respeitando-se as diferenças que têm entre si, apoiando-se em uma nova concepção da natureza, de maneira que o desafio da transdisciplinaridade é gerar uma civilização em escala planetária que, por força do diálogo intercultural, se abra para a singularidade de cada um e para a inteireza do ser.

Há aqui, portanto, consonância com a Sociologia Compreensiva. Segundo tal paradigma, evidencia-se a necessidade de reafirmar o valor de cada sujeito como portador e produtor legítimo de conhecimento. Desse modo, a ciência e as artes não estão circunscritas a um modo de observação ou método homogeneizante, mas consideram a realidade em sua heterogeneidade, na qual a referência única é derrubada.

No que tange à Literatura, a Carta vai destacar que esta “é para os adolescentes uma escola de vida e um meio para se adquirir conhecimentos. As ciências sociais vêem (sic) categorias e não indivíduos sujeitos a emoções, paixões e desejos”. Pode-se, assim,

compreender a complexidade humana através da literatura (...) Para que isso aconteça, devemos fazer convergir todas as disciplinas conhecidas para a identidade e para a condição humana, ressaltando a noção de homo sapiens; o homem racional e fazedor de ferramentas, que é, ao mesmo tempo, louco e está entre o delírio e o equilíbrio, nesse mundo de paixões em que o amor é o cúmulo da loucura e da sabedoria. (MORIN, 2015, p. 6-7).

De acordo com a ética transdisciplinar, portanto, refuta-se toda “atitude que recusa o diálogo e a discussão, seja qual for sua origem - de ordem ideológica, científica, religiosa, econômica, política ou filosófica.” (ibid., p. 14). Nesse contexto, é o saber **compartilhado**, o estar-junto, nos termos de Maffesoli (1995; 2010) que conduzirá a uma compreensão compartilhada baseada no máximo respeito das diferenças entre os seres, unidos pela vida comum.

3. Metodologia

A pesquisadora embasou seu olhar na Sociologia compreensiva à qual se firma no que Maffesoli trata em *O conhecimento comum* (2010). Esta corrente busca, para Moraes (2012), não apenas quantificar a realidade social, mas considerar a subjetividade como fator constitutivo dos processos sociais. Isso é possível vislumbrar na obra de LB, em especial na coletânea *Vida urbana*, da qual uma crônica (*O morcego*) é objeto de análise neste artigo.

Para explicitar a constituição da Sociologia Compreensiva, Maffesoli desenvolveu quatro pressupostos. Busca-se percebê-los nas crônicas de Lima Barreto analisadas. São eles:

- Crítica ao dualismo esquemático (ou... ou) caro ao Positivismo;
- A “forma” (opondo-se forma, no sentido de excessiva formalização e conteúdo);
- Uma sensibilidade relativista (manifestada pelo relativismo metodológico “que avança e se consolida nos diversos campos da vida social” (MAFFESOLI, 2010, p. 38);
- Um pensamento libertário – em favor da “liberdade do olhar” (ibid., p. 46), rompendo com a referência única.

Estes embasarão o que o teórico francês denominou uma pesquisa estilística. Tal metodologia compreende uma estilização da existência.

Traços discursivos como ironia e o dialogismo (BAKHTIN, 1992) e questões relativas à nação do início do século XX, são destacadas. O imaginário coletivo tem o Carnaval como momento de extravasar emoções e soltar-se das “amarras” e vernizes sociais. Isso está evidenciado no primeiro trecho da crônica *O morcego*.

Nesta, LB, principalmente pela **carnevalização** (BAKHTIN, 1992), descreve a transformação da atmosfera que a festa engendra de duas formas. O Carnaval como a expressão da alegria e, ao mesmo tempo, como modo de anestesiar (ou alienar?) a comunidade dos problemas do cotidiano. No Carnaval, as fronteiras parecem se dissolver, as diferenças parecem suavizar-se e o sentido de nação, de certo modo, unifica a sociedade, por natureza heterogênea, plural e, conforme LB em seus escritos, amplamente desigual.

Desse modo, em primeira instância, a Folia de Momo, para o literato, “(...) é a expressão da nossa alegria. O ruído, o barulho, o tantã espancam a tristeza que há nas nossas almas, atordoam-nos e nos enche de prazer. Todos nós vivemos para o carnaval. Criadas, patroas, doutores, soldados, todos pensamos o ano inteiro na folia carnavalesca.”

Nesse cenário pródigo e cheio de alegria, em que tanto coabitam o desejo do *estar-junto*, da coletividade, da alegria em grupo, quanto a fuga dos padrões, LB “o mais espontâneo, o mais desinteressado, o mais lídimo é certamente o Morcego” (BARRETO, 2013, p. 11).



Durante o ano todo, “Morcego é um grave oficial da Diretoria dos Correios, mas, ao aproximar-se o carnaval, Morcego sai de sua gravidade burocrática, atira a máscara fora e sai para a rua”. Nas festas da passagem do ano, o herói foi o Morcego. (...) Ele então não era mais a disciplina, a correção, a lei, o regulamento; era o coribante inebriado pela alegria de viver. Evo é, Bacelar! (BARRETO, 2013, p. 11)

A conotação faz-se presente no texto (“O ruído, o barulho, o tantã espancam a tristeza que há nas nossas almas”) para marcar esse duplo movimento - de alívio e de atordoamento. Ao mesmo tempo, o Carnaval, segundo LB, é uma ode à quebra da falsidade, das forças centrípetas que teimam em calar a voz dos dissonantes (como o próprio autor) e, ironicamente um descarte das máscaras que usam o ano todo em nome dos padrões, da burocracia. As diferenças se amenizam.

Para Maffesoli (2007), a identidade fixa e definida, na sociedade contemporânea, dá lugar às diversas identificações que, no contexto, se realizam. Os Morcegos, no Carnaval, mudavam de postura, baixavam a guarda e misturavam-se, ainda que de modo efêmero e pontual, a pessoas com as quais não guardavam relações fora dos dias de folia momesca.

Há descanonização, aqui, das posições fixas, dos padrões tidos como “incontestáveis” e únicos e da ideia de uma referência única, aqui, estão bem sedimentadas por meio do texto barretiano (quebra da referência única). No Carnaval, os “Morcegos” da sociedade carioca, ou seja, os medalhões - indivíduos afeitos aos padrões, às contenções, às regras e à referência única (MAFFESOLI, 2007; 2010), “[...] fazem vibrar as massas panurgianas dos respeitadores dos preconceitos”.

Na crônica, é possível perceber o traço do pensamento libertário (MAFFESOLI, 2010, p. 46) – em favor da “liberdade do olhar”, rompendo com a referência única. LB fez isso contrariando, ao questionar e desafiar, os padrões ao transpor ao texto literário uma realidade diversa por meio de uma prosa ousada, em se tratando do contexto ao qual esta tese alude.

Estes embasaram o que o teórico francês denominou uma pesquisa estilística. Tal metodologia, longe da noção de ensaísmo a ela atribuída por “mestres-escolas” (MAFFESOLI, 2010, p. 42), compreende uma estilização da existência.

Ainda sobre a Sociologia Compreensiva, Piccinin (2006), em consonância com a visão maffesoliana, frisa que, sob o viés da tribalização, o racionalismo dá lugar à lógica do *estar-junto* nesse arcaísmo vivenciado no cerne da pós-modernidade. Um retorno ao modo de viver de sociedades antecedentes.

Lógica a qual Lima Barreto já obedece antecipadamente, a partir da ética (sua visão acerca do cotidiano moderno) de sua estética (a forma dissonante dos padrões pela qual expõe sua visão sobre a sociedade carioca da *Belle époque*).



4. Análise - O morcego

Traços discursivos como ironia e o dialogismo (BAKHTIN, 1992) e questões relativas à nação do início do século XX, são destacadas. O imaginário coletivo tem o Carnaval como momento de extravasar emoções e soltar-se das “amarras” e vernizes sociais. Isso está evidenciado no primeiro trecho da crônica *O morcego*.

Nesta, LB, principalmente pela **carnevalização** (BAKHTIN, 1992), descreve a transformação da atmosfera que a festa engendra de duas formas. O Carnaval como a expressão da alegria e, ao mesmo tempo, como modo de anestesiá-la (ou aliená-la?) a comunidade dos problemas do cotidiano. No Carnaval, as fronteiras parecem se dissolver, as diferenças parecem suavizar-se e o sentido de nação, de certo modo, unifica a sociedade, por natureza heterogênea, plural e, conforme LB em seus escritos, amplamente desigual.

Desse modo, em primeira instância, a Folia de Momo, para o literato, “(...) é a expressão da nossa alegria. O ruído, o barulho, o tantã espancam a tristeza que há nas nossas almas, atordoam-nos e nos enche de prazer. Todos nós vivemos para o carnaval. Criadas, patroas, doutores, soldados, todos pensamos o ano inteiro na folia carnavalesca.”

Nesse cenário pródigo e cheio de alegria, em que tanto coabitam o desejo do *estar-junto*, da coletividade, da alegria em grupo, quanto a fuga dos padrões, LB “o mais espontâneo, o mais desinteressado, o mais lídimo é certamente o Morcego” (BARRETO, 2013, p. 11).

Durante o ano todo, “Morcego é um grave oficial da Diretoria dos Correios, mas, ao aproximar-se o carnaval, Morcego sai de sua gravidade burocrática, atira a máscara fora e sai para a rua”. Nas festas da passagem do ano, o herói foi o Morcego. (...) Ele então não era mais a disciplina, a correção, a lei, o regulamento; era o coribante inebriado pela alegria de viver. Evoé, Bacelar! (BARRETO, 2013, p. 11)

A conotação faz-se presente no texto (“O ruído, o barulho, o tantã espancam a tristeza que há nas nossas almas”) para marcar esse duplo movimento - de alívio e de atordoamento. Ao mesmo tempo, o Carnaval, segundo LB, é uma ode à quebra da falsidade, das forças centrípetas que teimam em calar a voz dos dissonantes (como o próprio autor) e, ironicamente um descarte das máscaras que usam o ano todo em nome dos padrões, da burocracia. As diferenças se amenizam.

Para Maffesoli (2007), a identidade fixa e definida, na sociedade contemporânea, dá lugar às diversas identificações que, no contexto, se realizam. Os Morcegos, no Carnaval, mudavam de postura, baixavam a guarda e misturavam-se, ainda que de modo efêmero e pontual, a pessoas com as quais não guardavam relações fora dos dias de folia momesca.



Há descanonização, aqui, das posições fixas, dos padrões tidos como “incontestáveis” e únicos e da ideia de uma referência única, aqui, estão bem sedimentadas por meio do texto barretiano (quebra da referência única). No Carnaval, os “Morcegos” da sociedade carioca, ou seja, os medalhões - indivíduos afeitos aos padrões, às contenções, às regras e à referência única (MAFFESOLI, 2007; 2010), “[...] fazem vibrar as massas panurgianas dos respeitadores dos preconceitos”.

Na crônica, é possível perceber o traço do pensamento libertário (MAFFESOLI, 2010, p. 46) – em favor da “liberdade do olhar”, rompendo com a referência única. LB fez isso contrariando, ao questionar e desafiar, os padrões ao transpor ao texto literário uma realidade diversa por meio de uma prosa ousada. Estes embasaram o que o teórico francês denominou uma pesquisa estilística. Tal metodologia, longe da noção de ensaísmo a ela atribuída por “mestres-escolas” (MAFFESOLI, 2010, p. 42), compreende uma estilização da existência.

Ainda sobre a Sociologia Compreensiva, Piccinin (2006), em consonância com a visão maffesoliana, frisa que, sob o viés da tribalização, o racionalismo dá lugar à lógica do *estar-junto* nesse arcaísmo vivenciado no cerne da pós-modernidade. Um retorno ao modo de viver de sociedades antecedentes.

Lógica a qual Lima Barreto já obedece antecipadamente, a partir da ética (sua visão acerca do cotidiano moderno) de sua estética (a forma dissonante dos padrões pela qual expõe sua visão sobre a sociedade carioca da *Belle époque*).

5. Considerações Finais

Lima Barreto encaixa-se no que Legros (et al.) pontua; foi, em seu contexto, o disforme, o fora do padrão, o monstro. O marginal, portanto. Legros (et al, 2007, p. 246), destaca que monstro é o ser

que sai automaticamente do caminho dos cânones médios. O olhar, essencialmente, está lá para discriminá-lo. Se for permitido comparar o monstruoso ao universo social, nós lembraremos aqui o que se passa na nossa sociedade a partir do instante em que um elemento estranho se insere num grupo comunitário (...) Toda pequena sociedade que recebe um elemento diferente é assim, freqüentemente (sic) levada por um vago instinto de conservação a uma modificação da diferença para uma integração ou a uma rejeição formal.

Com relação ao objetivo geral, perceber se a ética da estética de LB atendia à hipótese central aqui traçada, pode-se afirmar que esta foi confirmada, pelo evidenciado na análise da crônica presente em *Vida urbana*, utilizando como método a Sociologia Compreensiva



(MAFFESOLI, 2010). A necessidade de comunhão, de religião (no sentido de religar o indivíduo à coletividade) e de sentir-se pertencente ao grupo social apontaram essa relação com Maffesoli (2010).

LB foi um Hermes de seus dias. “A criatura é limitada, miserável, infeliz, mas ao mesmo tempo, é capaz de superar-se, de transcender a si própria e ao mundo, gerando beleza, fé, vida – a poesia. É neste clima de realidades antitéticas que se deve festejar o retorno de Hermes” (TURCHI, 2003, p. 305).

Desse modo, pelos diversos dos traços ora expostos, Lima Barreto se revela, pela visão da Sociologia Compreensiva, um ávido pesquisador de imaginários (SILVA, 2006). Um literato combativo, promotor da socialidade. Um *transmoderno*, enfim.

Referências

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch; **VOLOCHINOV**, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 6. ed. São Paulo: HUCITEC, 1992.

_____. **Vida urbana**. Disponível em:
http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2171. Acesso em 21 abr. 2015.

BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Schwarcz, 1986.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.

CARTA DE TRANSDISCIPLINARIDADE. Adotada no Primeiro Congresso Mundial da Transdisciplinaridade, **Convento de Arrábida**, Portugal: 2 a 6 novembro 1994. Disponível em: Acesso em: 19 jun. 2015.

DUROZOI, G. e ROUSSEL, A. **Dicionário de Filosofia**. Tradução de Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papyrus, 1993.

HALL, Stuart; SOVIK, Liv. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 22 ed. Edições Loyola Jesuítas: São Paulo, 2012.

JAPIASSÚ, Hilton e MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. 5.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

KÖENIG, Marília. **Por uma teoria não-oficial da comunicação**: o Jornalismo como tema em Recordações do escrivão Isaías Caminha, de Lima Barreto (dissertação de Mestrado).



Disponível em <http://busca.unisul.br/pdf/79421_Marilia.pdf>. Acesso em 10 nov. 2012.
http://busca.unisul.br/pdf/79421_Marilia.pdf

MACHADO, Maria Cristina Teixeira. **Lima Barreto: um pensador social na Primeira República**. Goiânia: Ed. da UFG; São Paulo: Edusp, 2002.

MAFFESOLI, Michel. **A conquista do presente**. Edição revista e atualizada. Tradução de Alípio de Souza Filho. Porto Alegre: Argos, 2001;

_____. **A contemplação do mundo**. Tradução de Francisco Franke Satinelli. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

_____. **O conhecimento comum**. Tradução de Aluizio R. Trinta. Coleção Imaginário Cotidiano. Porto Alegre: Sulina, 2010;

_____. **O ritmo da vida: variações sobre o imaginário pós-moderno**. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2007.

MELO, Joachin. **Uma outra face da Belle Époque carioca: o cotidiano nos subúrbios nas crônicas de Lima Barreto**. Dissertação de Mestrado. Disponível em:
http://www.ufcg.edu.br/~historia/ppgh/images/dissertacoes_defendidas/2008/joachin%20melo.pdf. Acesso em 20 nov. 2014.

MILAGRE JR., Sérgio L.; FERNANDES, Tabatha de Faria. **A Belle Époque Brasileira: as transformações urbanas no Rio de Janeiro e a sua tentativa de modernização no século XIX**. Artigo. Disponível em:
<http://periodicos.pucminas.br/index.php/historiaemcurso/article/.../5337/pdf>. Acesso em 01 dez 2014.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - TV Escola. **Lima Barreto: um grito brasileiro**. Série Mestres da Literatura (documentário). Brasília, 2005.

MORAES, Heloisa Juncklaus Preis. **A descoberta e a vivência do virtual: experiências infantis**. Florianópolis: DIOESC, 2012.

MORIN, Edgard. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/EdgarMorin.pdf>>. Acesso em 6 jul. 2015.

NOLASCO-FREIRE, Zélia. **Lima Barreto, imagem e mensagem**. Rio de Janeiro: Annablume, 2005.

SILVA, Juremir Machado da. **Tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

_____. O imaginário é uma realidade. Entrevista de M. Maffesoli. In: **Revista FAMECOS - n° 15** (quadrimestral). Porto Alegre, agosto de 2001.

STAM, Robert. **Bakhtin: da teoria literária à cultura de massa**. São Paulo: Ática, 1992.

THEÓPHILO, Roque. **A transdisciplinaridade e a modernidade**. Disponível em: <<http://www.sociologia.org.br/tex/ap40.htm>>. Acesso em: 25 jun. 2015.



TURCHI, Maria Zaira. **Literatura e antropologia do imaginário**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003.

Recebido em: 30/06/15. Aprovado em: 23/10/15.